

ESTADO DE GOIÁS
GRUPO DE TEATRO MUNICIPAL "STAR"
SÃO LUÍS DE MONTES BELOS

CLÁUDIO DIONÍSIO

CLÁUDIO DIONÍSIO

Cláudio Dionísio é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema.

Cláudio Dionísio é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema.

O SANTO

INQUÉRITO

Cláudio Dionísio é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema.

Cláudio Dionísio é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema.

Cláudio Dionísio é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema.

Cláudio Dionísio é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema.

ATOR/ATRIZ _____
PERSONAGEM/OUTRA FUNÇÃO _____

Cláudio Dionísio é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema. Ele é um dos poucos autores que escrevem para o teatro e também para o cinema.

“O Santo Inquérito” é uma obra de ficção, portanto, não devemos julgar “falsas” informações apresentadas sobre assuntos reais, mas sim reconhecer que se trata de uma ficção, e não de um documento histórico. O texto é baseado no livro de Maria Alice Dias, “O Santo Inquérito” (Rio de Janeiro: Alameda, 1998).

O SANTO INQUÉRITO

DIAS GOMES

Certo no Nordeste a lenda de que Branca Dias, uma moça queimada num auto de fé, ainda aparece pelas noites assombradas. A verdade histórica é desconhecida, embora seja certo que existiu uma Branca Dias, queimada no Santo Ofício. É o próprio autor que afirma: “A mim, como dramaturgo, o que interessa é que Branca existiu, foi perseguida e virou lenda. A verdade histórica em si, no caso, é secundária; o que importa é a verdade humana e as dores que dela podemos tirar”.

Branca Dias nasceu em 17 de julho de 1714, na capital de Paraíba. Segundo Ademir Vidal, seu pai era Simão Dias e Maria Aires Dias, e Branca morreu em 28 de março de 1764, aos 5 horas da tarde.

PERSOANAGENS

- **BRANCA DIAS** – É realmente culpada de heresia, acusada de atos contra a mortalidade e da posse de livros proibidos. A princípio, ela consente de coração aberto ao encontro de seu destino, acreditando na sinceridade e à parça que lhe mostram no caminho a absolção de tudo. Ela não percebe até o fim quando já é tarde demais. Ela não tem nada fazer com Jesus 17 anos a não ser o fim trágico.
- **PAIPE BERNARDO** – Jesuíta, a conduta dele a princípio é impossível. Ele quer realmente salvar Branca Dias, cura – lá de seus desvios, repli – lá nos tributos de sua ortodoxia, e acredita, sinceramente, que é dever de ofício e gratidão. Quando vem a paixão carnal e ele descobre, aí começa sua tortura, e ele se encontra um camião para combater – lá a paixão de Branca que virá, em sua última análise, a sua própria paixão.
- **BISPO VITACORE** – Considerado um liberal, equilibrado, humano e justo, mesmo embora seja ele o executor de tanta hediondez, desumanidade e crueldade.
- **NETÁRIO** – Bispo, um bom sujeito, se tivesse a oportunidade de encontrar a mãe com Branca, talvez chegasse até a compadecer de sua sina e pensar no jeito de ajudá-la.
- **AGUSTO CHUTINHO** – Naveiro de Branca, estudou em Lisboa, retendo de lá, integro, defende sua integridade moral, troca a vida pelo direito de viver – lá – com grandeza, prefere a morte não só pela fidelidade e o amor a Branca, é a certeza de que sua vida não vale a indignidade que querem obrigá-la a cometer.
- **SIMÃO DIAS** – Pai de Branca, ao contrário de Augusto, quer se salvar a qualquer preço, inclusive ao preço da própria dignidade. Assiste à morte de Augusto e não faz nada, sem um gesto ou palavra em sua defesa, como por egoísmo ou covardia.
- **GUARDAS** – Dão que nada podem fazer para salvar Branca Dias.

O palco contém várias pedaleiras, em diferentes planos. Não constituem propriamente um cenário, mas um dispositivo para a representação, que é completado por uma estufa. É total a escuridão do palco e da platéia. A iluminação denota as espaços onde acontecem as cenas.)

FALBO BERNARDO - Já sei, já sei que vão atacar uma série de inimigos contra nós, contra o clero e a Igreja. Seremos chamados de monstros, sanguinários, cruéis, inquisidores, como se tivéssemos nós a culpa da primeira Inquisição. Inocentes perseguidos, presos, torturados, de tudo isso se falou aqui, e de tudo se procurará desculpar – não. Como se quem tem o direito de matar não tivesse também o de punir, e como se a lei não tivesse ser dura para intimidar os malfeitores e proteger os inocentes. Invocando os direitos dos homens, vai o autor, com certeza, negar os direitos da fé, os direitos de Deus. Esperando – se de que aqueles que matam em si a verdade têm o dever sagrado da verdade – lá a todos, eliminando os que querem subvertê-la – lá. É uma maneira fácil de conquistar a platéia apresentando esta coisa como algo de canduro e a nós como bestas sanguinárias, ávidas de matar – lá mesma Inquisição. Não que todos fossemos para salvar – lá, para atacar o domínio de seu corpo, e se não conseguíssemos, se ela não quis separar – se dela, de Santa e das heresas, perturbando a ordem pública, atacando os preceitos da doutrina e da doutrina, atacando os alicerces da civilização que tanto lutamos para construir e para manter, a nossa civilização atual, temos ou não o direito de julgá-la – lá? Não não se esqueça que se as heresias transfussem seríamos todos curáveis! Todos! Eles não teriam coragem a verdade que reclamam de nós? É a a nossa verdade que nos move a abrir este inquérito contra ela e a matá-la – lá. A verdade que devemos sentir de nós mesmos e de nossas almas. *(Como se alguém tentasse apertar – lá)* Não, não tentará defendê-la – lá. Não lhe damos o direito de defesa. Não permitiremos que continue as suas acusações. O inquérito é secreto e sumário. Também não damos acesso às provas que temos contra ela. Mas uma é evidente, está a vista de todos, aponta para Brasília, ela está má!

BRANCA *(Olha ad o primeiro plano)* – Não é verdade?

FALBO BERNARDO - Deus-enganadamente não!

BRANCA - Vejam senhores, vejam que não é verdade! Trago as roupas como todo mundo. E é que não se enverga!

FALBO BERNARDO - Não conseguimos com certeza duar a ninguém. Todos estão vendo que estão má, que nenhuma veste cobre seu corpo e que se mesmo se tornam corajosa de se aproximarem assim, depois de tanto delar!

BRANCA - Meu Deus, que hei de fazer para que vejam que estou vestida? Não tão bem trajada como você, é claro, porque vive na rua, no império da sua pai, e lá não chegam os estudos da Bahia. Mas não estou má, não estou má. E você podem testemunhar... Oh, não, não podem, eles não permitiriam, é verdade que nunca soube de muito calor eu fui banhar no rio mas foi uma vez somente, e ninguém me viu, não mesmo no quartilho que dormiam no alto dos jilóis. Será por isso que eles dizem que ofendi gravemente a Deus? Ora, o Senhor Deus e os senhores sabem tão muito mais o que fazer do que expor coisas falando sobre as coisas de nós. Não, não é só por isso que eles me perseguem e me torturam. Eu não entendo... Eles não dizem... se acusam, acusam? E fazem perguntas, perguntas, tantas perguntas!

VISITADOR - Como certo em dias de pressão?

BRANCA - Não...

VISITADOR - Mas galinha com castor?

BRANCA – Não, ouvindo o peregrino.

VISITADOR – Como toucinho, lebre, corlho, pulco, arnia, aves afogadas?

BRANCA – Como...

VISITADOR – Tama bicho as setas – feiras?

BRANCA – Todas as dias.

VISITADOR – E as colinas?

BRANCA – Também.

VISITADOR – Quanto tempo leva se enfeitando?

NOTÁVEL – Quanto tempo?

VISITADOR, NOVIÁRIO E PADRE BERNARDO *(Ouvendo dos tabalidos até se aproximarem de Branca)* – Quanto tempo? Quanto tempo? Quanto tempo?

BRANCA – Não sei, não sei... Oh, minha cabana... Por que me fazem todas essas perguntas, por que me torturam? *(Chama Padre, Noviário e Noviciado)* Foi uma coisa estranha, terrível a Deus. Meu pai me ensinou a doutrina e eu procurei seguir – lá. Mas acho que não sei o que é mais importante. O mais importante é que eu sinto a presença de Deus em todas as coisas que me dão prazer. Não sinto que me fatiga o cabelo quando ando à cavalo, na água do rio que me molha o corpo, no corpo de Augusto quando togo o meu, como um queror. Ou num bom prato de carne ou num bom apimentado com muita favela, dizem que fazem a gente chorar de gosto. Pois Deus está em tudo isso. O amor a Deus é amar as coisas que ele fez para o nosso prazer. É verdade que Deus também faz coisas para o nosso sofrimento. Mas foi para que também o tenhamos e aprendêssemos a dar valor às coisas boas. Deus deve passar muito, mais muito mais tempo na minha toga, entre as minhas cabras e o curral do bicho pelo sol e pelo vento do que nos corredores nobres de cobrir dos leitosas. Deus deve estar onde há mais claridade, penso eu. O deve gostar de ver as criaturas livres, livres como as fies, porque foi usando e ganhando essa liberdade que nasceram e assim devem viver. Tudo isso que estou lhes dizendo, é na esperança de que vocês entendam... Não dizem que sou uma herege e que estou periclitando pela doutrina? E não são a verdade? Não acreditam? Se a doutrina estiverem em meu corpo, não teria deixado que eu me atirasse ao rio para salvar o Padre Bernardo, quando ele estava com ele...

(Black-out) . Branca sai correndo, surge Padre Bernardo no fogo em desespero após o afogamento. Branca surge atrás do padre que tenta matá-la

PADRE BERNARDO *(Alma pura, de olhos cerrados. Segundo repetidas vezes um crucifixo que está no chão)* – Jesus, Jesus, Maria, José... Obrigado Senhor, por terdes atendido ao meu apelo desesperado... Não sou merecedor de tanta misericórdia. Alma de Cristo, santifica – me, corpo de Cristo, salva – me, sangue de Cristo, molha – me...

BRANCA – Se eu não chego a tempo, o senhor teria bebido todo o Rio Paraíba...

PADRE BERNARDO *(Vozes – ou)* – A minha toga?

BRANCA – A toga? Supra emborçada no alívio... Tinha alguma coisa de valor?

PADRE BERNARDO – Tinha, o café com as amêdoas...

BRANCA – Muito dinheiro?

PAZRE BERNARDO – Bastante...

BRANCA – Agora deve estar no fundo do rio.

PAZRE BERNARDO – Se consegui apagar o crucifixo. Tinha que escolher uma coisa ou outra!

BRANCA – Foi uma pena. Com o dinheiro e sembar talvez comprasse dois crucifixos e quem sabe ainda salvasse...

PAZRE BERNARDO – Não diga aos filhos.

BRANCA – Por quê?

PAZRE BERNARDO – Porque o Cristo, o Cristo não é uma que se compra. Tiveste-me escolhido a cabe e certamente lá esta hora estaria também no fundo do rio com ele. Foi Jesus quem me salvou.

BRANCA (Tristemente) – Mas... eu apudei um pouco...

PAZRE BERNARDO (Faz-se levantar mas sente uma costura) – Lá sei. Você foi o instrumento. Não estou sendo ingênuo. Sei que serviste tua vida para salvar – me.

BRANCA – Não foi assim, o rio não é muito fundo e a correnteza não é lá tão forte, quando a gente está acostumado...

PAZRE BERNARDO – Acostumado?

BRANCA – Vou lá buscar – me todos os dias. Sei nadar e salvar alguns que está afogando. É só passar pelos cabelos. Com o sembar foi um pouco mais difícil, tive que passar pela batina, mas estou contente comigo mesma. Hoje vai ser um dia muito feliz para mim.

PAZRE BERNARDO – Deus lhe conserve essa alegria e lhe faça todos os dias praticando uma boa ação, como hoje.

BRANCA – Acho que as boas ações só valem quando não são calculadas. E Deus não deve levar em conta aqueles que praticam o bem só com intenção de agradar – lhe. Então eu não estou certa?

PAZRE BERNARDO – Não...

BRANCA – Não foi querendo agradar a Deus que eu me ativei ao rio para salvar – lá. Foi porque isso me daria satisfação consigo mesma. Porque era um gesto de amor ao meu semelhante. E só amor que a gente se encontra com Deus. No amor, no prazer e na alegria de viver. (Padeu tomar e se levanta, mostrando – se um pouco perturbado) Então distende alguma coisa de salvação?

PAZRE BERNARDO – No fundo, talvez não. Mas a sua maneira de falar... Quem é a sua confessor?

BRANCA – Não tenho confessor. Vivo aqui, no engenho velho, que é de meu pai. Soude Deus, que o sembar deve conhecer de nome. Como é a cidade.

PAZRE BERNARDO – Não vai à igreja, aos domingos ao menos?

BRANCA – Não vou à igreja, mas domingo ao menos...

BRANCA – Não todos os domingos. Mas não penso que porque não vou diariamente à igreja não estou com Deus. Também eu não faço as minhas orações, ou todas as noites antes de dormir e nunca consigo de agradecer a Deus tudo o que recebe dele.

PAZRE BERNARDO – Costaria de discutir com você esse assunto. Não hoje, porque estamos ambos ocupados, precisamos trocar de roupa.

BRANCA – Vámas lá em casa. O senhor tira a batina pra trocar. Posso lhe trazer uma roupa de meu pai, enquanto o senhor espera. *(Puxa o padre pelo braço que a acompanhava, logo está prest a perguntar parece ansioso para vê-lo um aspecto da conversação)*. Vámas.

PAZRE BERNARDO – Não, não isso não é direito.

BRANCA – Por que não?

PAZRE BERNARDO – Lá há dei muito trabalho por hoje. E preciso voltar o quanto antes ao colégio.

BRANCA – Que colégio?

PAZRE BERNARDO – Ao colégio dos Jesuítas. Sou padre Bernardo.

BRANCA – Lá costumam moçar?

PAZRE BERNARDO – Não... aí meninas, rapazes.

BRANCA – Por que nunca costumam moçar no colégio?

PAZRE BERNARDO – Ora, porque as moças não precisam estudar.

BRANCA – Sem mesmo ler e escrever?

PAZRE BERNARDO – Isso se aprende em casa, quando se quer e os pais consentirem.

BRANCA *(Com orgulho)* – Eu aprendi. Sei ler e escrever. E Augusto diz que faço melhor as coisas melhor do que qualquer estudante de colégio.

PAZRE BERNARDO – Quem é Augusto?

BRANCA – Meu noivo. Foi ele que me ensinou. Mas foi preciso que eu insistisse muito e quase briguei com meu pai. É tão bom.

PAZRE BERNARDO – Ler?

BRANCA – Sim... sabe, as coisas que mais me divertem? Ler histórias e acompanhá-las procedendo de formigas. *(O padre ri)*. Sabe, tanto nos livros quanto nas formigas a gente descobre o mundo *(ri)*. Quando eu era menina, conhecia todos os formigueiros do engenho. O capataz batava sempre na boca dos barcos e eu saía de noite, de guarda em guarda limpando tudo. Depois eu dormia satisfeita por ter salvado milhares de vidas. *(O padre respira)*. Oh, mas o senhor com essa roupa molhada no corpo e eu aqui contando histórias. O senhor me desculpe.

PAZRE BERNARDO – Não tenho de desculpa – lá, tenho que lhe agradecer, isto sim. Costaria muito de continuar a ouvir suas histórias. Todas as histórias que você tiver para contar – sim.

BRANCA – Para vermos nos visitar lá no engenho. Eu me chamo Branca Dias.

PAZRE BERNARDO (*Olpa a mão de Branca*) – Branca, você é um dos tesouros do senhor. Preciso cuidar de você. *(Sus.)*

(Volta luz de julgamento)

BRANCA – Então, você, ele disse que eu era um dos tesouros do senhor e que precisava cuidar de mim. Não que eu fosse valiosa a ponto de acreditar, mas ele viu que eu era uma moça boa e que o dinheiro não era preciso de muitas relações. Muito menos podia estar em meu corpo. Pois é coisa provada. Então, quando vi uma cruz com mais não sei o que diga, ele tinha um crucifixo e devia saber disso. Tanto que ele temeu – se meu confessor o atingiu, ele disse que queria me proteger.

(Muda luz para ficar de Simão com o padre Bernardo.)

SIMÃO – Proteger, proteger. É só isso que ele sabe dizer agora, mas não nunca precisaram dessa proteção. Quem nos protege é Deus, ninguém mais.

PAZRE BERNARDO – Isso não é verdade. A igreja também nos protege e também o paga e os sacerdotes. É preciso muito cuidado com essa afirmação Simão, porque frequentemente a moção da boca dos homens, que só Deus é bom, que só Deus é justo, que só é Ele de quem prestar conta de nossos atos.

SIMÃO – Eu não disse isso padre.

PAZRE BERNARDO – Acabou dizendo, se perseguir seus caminhos.

SIMÃO – Meu caminho é de fé cristã, caminho abraçado por meus antepassados.

PAZRE BERNARDO – Não por todos os seus antepassados. Seus avós não eram cristãos, seguiram a Lei Moisés.

SIMÃO – Sim, mas os meus pais se converteram.

PAZRE BERNARDO – Sei disso, vieram para o Brasil em fim do século passado.

SIMÃO – Já eram cristãos quando aqui chegaram.

PAZRE BERNARDO – Cristãos novos. Chegaram pobres e logo enriqueceram.

SIMÃO – Enriqueceram honestamente.

PAZRE BERNARDO – E aqui geraram um filho a quem chamavam Simão.

SIMÃO – O Simão se apaixonou por uma bela moçada, casou – se e gerou Branca.

PAZRE BERNARDO – E Branca espeta para quantos filhos poder?

SIMÃO – Vai casar – se com Augusto Custódio, é também cristão de boa família, filho do velho Custódio, era também senhor de engenho. Bom homem, muito respeitador. Augusto estudou na Europa.

PAZRE BERNARDO – Em Lisboa?

SIMÃO – É muito inteligente e preparado. Combateu as leis a família.

PAI DE BERNARDO – *Soube de certas atitudes de rebeldia desse homem.*

SIMÃO – *Cena da parentalidade. Ele é ainda um homem jovem. Ora padre, quem nunca foi rebelde, quem nunca foi jovem?*

PAI DE BERNARDO – *Preocupa – na a influência que ele exerce sobre Branca.*

SIMÃO – É natural. Ele é admo.

PAI DE BERNARDO *(Atitude de poço se encorajando)* – O senhor disse a Branca ainda ele é admo.

SIMÃO – Claro, se ele se casar, tem que se casar.

(Faz o padre. Simão muda o tom para preocupado)

SIMÃO – Que ele quer afinal?

BRANCA *(Entrando)* – Ele acredita que eu esteja em perigo. É como a salvação de morrer afogado, quer saber – eu também. É curioso que antigamente me sentia segura e segura. Parece que ele tem razão. E se ele vê é porque de fato existem, pois ninguém pode saber das atitudes de demência melhor do que um padre que tem isso por ofício.

SIMÃO – Mas nunca presenciei dessa proteção. Eu disse isso a ele, na última vez. Quem nos protege é Deus, ninguém mais. E por falar nisso, contá-las – o para celebrar o seu casamento. Já tem?

BRANCA – Não. Eu já havia pensado nisso. Ele deve ter ficado satisfeito.

SIMÃO – Não sei não, acho que ele não demonstrou muito.

BRANCA – Porque é tímido. Mas pode ficar certo de que o senhor lhe deu uma grande alegria.

SIMÃO – Ainda tem.

BRANCA – Por quê? O senhor tem alguma coisa?

SIMÃO – O tempo é um legado de nossa raça.

BRANCA – Somos cristãos.

SIMÃO – Ele não confia em nós, em nossa sinceridade. Estamos sempre sob suspeita. Os judeus para eles são uma ameaça.

BRANCA – Não é suspeita, pai. É que ele tem o dever de ser vigilante. Ele tem o dever de defender sua proteção.

SIMÃO – Essa proteção não está me deixando nada bem *(Faz)*

(Muda a luz, Branca fica pensativa e Augusto entra afobado, muito nervoso emocionalmente. Paralelo ao foco dessa cena, está o Padre Bernardo num foco à esquerda com uma Bíblia como se estivesse lendo atenciosamente e muito agitado)

AUGUSTO – Branca, por que os mundos chamam com tanta urgência?

BRANCA – Não sei... De fato, não é urgente.

AUGUSTO – Aconteceu alguma coisa?

BRANCA – Não... realmente, não aconteceu nada. Não sei explicar. Mais de um momento para outra, eu me senti não só, não desamparada. Na me aconteceu com uma vez quando eu era menina e alguém me disse que a Terra se movia no espaço. Não sei que saiba ainda descobri-lo. Só sei que de repente comecei a pensar, eu, uma pobre criança montada num planeta louco, que corria pelo céu girando em volta de si mesma como um pélo. E tive medo pela primeira vez na vida.

AUGUSTO (Sorri) – E que quer você que eu faça? Que pare a Terra como fossei paros o Sol?

BRANCA – E se fossei paros o Sol é porque é o Sol é que se move e não a Terra.

AUGUSTO – E se quer dizer as regras existentes.

BRANCA – E pode um livro sagrado mentir?

AUGUSTO – Talvez seja uma questão de interpretação. Fossei não paros o sol, mas a Terra teve a impressão de que foi o sol que paros. O sentido é disputado.

BRANCA – Talvez seja uma questão de interpretação. Depende do ponto de vista que se encontra e isto me deixa mais intranquila.

AUGUSTO – Por quê?

BRANCA – Porque ninguém pode viver assim, repetitivamente, como uma pol – lá é pouco! Você sabe que eu já voltei a minha boca na boca de um homem?

AUGUSTO (Levanta – se espantado) – Homem? Mas que homem, Branca?

BRANCA – Pedro Bernardo. Ele estava colado, depois do alqueamento e eu tive de colar a minha boca na boca dele para fazer chegar um pouco de ar nos seus pulmões. (Faz o movimento correspondente) Não nunca nos beijamos na boca e eu fui obrigada a beijar um estranho.

AUGUSTO (Ficando cada vez chocado com a revelação) – Por que você não me contou isso antes?

BRANCA – Porque até hoje ainda não havia pensado que o meu gesto poderia ser interpretado de outra modo.

AUGUSTO – Você acha que era absolutamente necessário fazer o que fez?

BRANCA – Acho.

AUGUSTO – Ele mentira se não o fazes?

BRANCA – Quem sabe? Talvez não. Mas foi com o intuito de salvá – lo que o fiz. Só com esse intuito. Eu estava lá dizendo isso agora para saber se você acredita em mim. (Ele não responde. Sua perturbação é evidente). Em sua opinião, eu continuei para como antes?

AUGUSTO (Pausa) – Eu preferia que isso não tivesse acontecido.

1992 a 1997). En consecuencia, el presente estudio se centró en evaluar el efecto de la intervención en la percepción de la violencia de género.

800 875 8577 • www.fox.com • www.fox.com

© 2000 Blackwell Science Ltd, *Journal of Internal Medicine* 247: 105–112

ARGENTO - Não tenho dúvidas. Mas ninguém gostaria que a mulher que ama bejasse outro homem, morasse com um homem ou padre. Padre e beijo, apóio um gesto de humanidade. Beijos e compreensão a seu gesto, mas não chaves.

© 2004 Blackwell Publishing Ltd, *Journal of Internal Medicine* 255: 103–110

ALL INFORMATION CONTAINED HEREIN IS UNCLASSIFIED EXCEPT WHERE SHOWN OTHERWISE

What is the *best* way to avoid a disaster, perhaps an epidemic?

All our BTCC, F1, Indy and road racing programmes

BRASIL: A - Mas não deve. Mas vai dizer que estamos sempre sob suspeita. Acho que se hoje eu não sei o bastante morando com falta de ar, eu deixaria morrer o alguém que se sente capaz de fazer isso não é disso de se confiar.

AUGUSTO (Sigue - a pelo largo) - Branca, não fale assim. Você está sendo injusta comigo.

BRANCA - Não, não estou. É que consigo a me confortar e estou desafiando assim. Como que eu não desisto com tanta gente assim? Então, Paulo Bernardo talvez tenha razão.

doi:10.1017/S0022292412000507 Printed in the United Kingdom © 2012 Cambridge University Press

FIGURE 1 ■ How Paolo Bonaiuti drove his radio. Trade relations between Italy and Africa

4/20/2018 12:00 PM - 12:05 PM

1992 to 1997. A. = Area, and also Acropolis. C. = City, and also city-state; regional studies always given with name of region.

400-870-8888

HERNÁNDEZ: Não me perguntes, eu não saberia responder, só sei que o mundo que me parecia tão simples, começou a ficar muito complicado para mim.

ALDO/STU - Está bem. Logo, logo você virá para os meus braços, virá de vez. Agora eu preciso ir. (Apaga o fogo e sai de Branco e depois ele encalça a mão no cinto, momento em que o Padre Bernardo faz a Bênção-Deus-lou?)

BRANCA: Um calafrio... a morte parece que passou por aqui. Porque será que o amor dá essa sensação interna, essa vontade de morrer? Deve haver um ponto onde o amor e a morte se confundem, como se fosse de dia e de noite.

AUGUSTO - Branca, você não está dizendo coisa com coisa. Esse Paulo Bernardo está delirando, está muito perturbado, só descontrola. (Afirmativa forte - Ele a trata a mal).

(Muda a luz) e surge Padre Bernardo que observa Branca de longe como se estivesse seduzido, aproxima – se)

PADRE BERNARDO - Branca...

BRANCA - Padre...

PADRE BERNARDO - Nunca mais fui ao procurer, nunca mais fui à missa, nem se confessar. Por quê?

BRANCA - Nunca mais fui procurer – lo porque soude muito ocupada.

PADRE BERNARDO - Com as suas amigas?

BRANCA - Não são também criaturas de Deus?

PADRE BERNARDO - Elas não sabem distinguir entre o bem e o mal. Ao passo que nós temos a obrigação de sabê-lo.

BRANCA - Não é tão fácil como eu julgava.

PADRE BERNARDO - Já percebeu que você tem certa dificuldade, por isso estou aqui novamente. Não confia mais em mim?

BRANCA - Não padre, nunca mais fui procurer – lo porque como já lhe disse, tenho estado ocupada, muito atarefada com o meu casamento.

PADRE BERNARDO - Não é um casamento?

BRANCA - Não, resolvemos apressar – lo.

PADRE BERNARDO (Levanta – se em choque) - Não sabia de nada.

BRANCA - É verdade. Desentendemos um falado com o senhor, que é quem vai officiar o casamento.

PADRE BERNARDO (Põe uma pausa um tanto longa) - Há alguma razão especial que justifique a pressa?

BRANCA - O senhor disse: ninguém pode aceitar o casamento como companhia de mesa. Quando tem o meu marido à calhacorta e o casamento não estava sendo – se se temia tudo.

PADRE BERNARDO - Seu marido sabe o contrário.

BRANCA - Não creia. Conheço Auguste e confio nele como confio em Deus.

PADRE BERNARDO (Chora) - Como confia em Deus?

BRANCA - Disse algumas coisas erradas?

PADRE BERNARDO - Lamentavelmente.

BRANCA - Perdão – me.

PADRE BERNARDO - Não é a mim a quem você deve pedir perdão. É a Ele a quem você deve pedir perdão, a Ele de quem você se afasta cada vez mais.

BRANCA (*Prostrada*) – Não! Isso não é verdade. O senhor não pode falar assim só porque eu disse algumas coisas.

PADRE BERNARDO (*Olha com piedade*) – Padre Branca, como precisa de alguém que a ajude.

BRANCA – Mas o senhor não tem ajudado em nada padre. O senhor só tem lançado a dívida em meu espírito.

PADRE BERNARDO – Essa dívida é a luta entre a luz e as trevas. Eu fui obrigado a lutar mas vou continuar. Abandone – se, Branca, abandone – se a mim e eu desapareci todas as dívidas que a atormentam. (*Segura Branca pelas mãos*).

BRANCA – Não padre, não, por Deus!

PADRE BERNARDO – Por que se recusa?

BRANCA – Preferia que me deixasse com as minhas dívidas, minhas culpas, as minhas perigos e tentações. Sei que o senhor quer salvar – mas, mas eu me salvo por mim mesma.

PADRE BERNARDO – E se não se salvar? Eu terei a culpa.

BRANCA – Não!

PADRE BERNARDO (*Segurando Branca pelo braço*) Não! Escute – se e ajude – se! Não sei, não sei Branca... As vezes sinto que você não esteja apenas confusa, não esteja apenas inocentemente desorientada por conta...

BRANCA – Como? Não entende?

PADRE BERNARDO – Tenho sinceramente que a culpa já tenha atingido demais.

BRANCA – Padre?

PADRE BERNARDO – Tenho por você como tenho por mim, acredite!

BRANCA – O senhor também se julga em perigo?

PADRE BERNARDO (*Ele não responde, vira – se e ergue os braços em oração*) – Senhor, ajude – me. Eu preciso de mim e eu devo praguejar – eu. Eu tenho poucas coisas das tentações que a cercam, que será uma presa fácil para o demônio, se não a guiamos pelo caminho que o levava até nós. Deus – me fortaleça, Senhor, para cumprir essa tarefa. Deus – me fortaleça, ó Pai, a defender – me também de tudo e qualquer tentação. Amém. (*Abre os olhos e olha Branca*) O que – se a ela? Branca, a visitador da Santa Inquisição acaba de decretar um tempo de graça. Durante quinze dias os pecadores que espontaneamente confessarem as suas faltas e converterem a Inquisição da sinceridade de sua arrependimento, receberão somente penas leves.

BRANCA – Por que está me dizendo isso?

PADRE BERNARDO – Para que você medite e apresente a misericórdia do Tribunal do Santo Ofício.

BRANCA – Não!

(Muda a luz para o julgamento no tribunal. Estavam Padre Bernardo, Visitador e Notário confabulando em silêncio. Peram no centro da cena e as guardas trazem Branca Dias)

VISITADOR - Apoiar - eu.

BRANCA - Apoiar - eu diante de vós? Com ambos os joelhos?

VISITADOR - Sim, com ambos os joelhos.

BRANCA - Perdão, mas não posso fazer isso.

VISITADOR - Por que não?

BRANCA - Porque ninguém deve se ajoelhar diante de uma criatura humana.

NOTÁRIO - E isso agora? Perdida a cabeça? Não vi que está diante de visitador do Santo Ofício, representante do Inquisidor - Mas?

PADRE BERNARDO - Um momento, senhores. Ela talvez tenha motivos os quais não sabemos. Seu avô e seu pai eram descendentes de judeus como consta nos autos. Mesmo assim devemos considerar sua decisão. Branca, por que diz isso?

BRANCA - Foi que aprendi na doutrina cristã, que somente diante de Deus devemos nos ajoelhar com ambos os joelhos.

VISITADOR - Aqui se trata de um costume do tribunal. O sê deve estar de joelhos quando é examinado sobre a doutrina e também quando é lida a sentença.

BRANCA - Mas eu fui nessa mesma doutrina que aprendi que não deve ajoelhar - eu.

VISITADOR *(Impacienta - se)* - Bem, vamos abrir uma exceção. Pode ficar de pé.

NOTÁRIO *(Ficando na e volta com a Bíblia aberta; aproxima - se de Branca)* - Jura sobre todos os evangelhos dizer toda a verdade, somente a verdade?

BRANCA *(Flutuando)* - Toda a verdade? Como posso prometer dizer toda a verdade, se nem sequer sei sobre o que vão interrogar - eu? Não tenho a submissão dos padres judeus, sou uma pobre criatura ignorante.

NOTÁRIO - Mas tem de jurar. É de praxe. *(Gesto de Condescendência)*

BRANCA - Juro o que eu não vou cumprir?

NOTÁRIO - Se não jurar não tem valor o depoimento.

PADRE BERNARDO - Branca, se se exige que você diga a verdade que é do seu conhecimento.

BRANCA - Bem, se é assim. *(Coloca a mão sobre a Bíblia)*

NOTÁRIO - Jura?

BRANCA - Juro.

VISITADOR - Não se justifica, Branca, sua prevenção contra este tribunal. Nenhum de nós deseja a sua condenação, senão isto. Ao contrário, o que queremos é ter um senal salvo - lá, resqpeti - lá para a Igreja. Tudo fazemos para isso, no sentido da misericórdia.

BRANCA - Misericórdia. Mas é um ato de misericórdia deixar uma pessoa dias e dias encarcerada numa cela, sem luz e sem ar, sem ao menos lhe dizer o porquê de que a acusam?

PAIREE BERNARDO - Branca, você está diante do Visitador do Santo Ofício. Ele tem autoridade para punir - lá fora ou duramente, só depende de você. Aproveita a misericórdia desse tribunal, misericórdia que você não encontrará num tribunal civil. Portanto pense bem no que está fazendo, seja com vontade sua palavras e atitudes. Aproveita a misericórdia desse tribunal.

BRANCA - Aproveitar como?

PAIREE BERNARDO - Da única maneira possível: declarando arrependido de todos os pecados que cometeu. Dos pecados mortais e veniais que bradam o céu e a terra.

VISITADOR - Branca, estamos aqui para ajudá-la. Mas é preciso que você também nos ajude, e nós que temos o ofício de defender a fé.

BRANCA - Não sei, senhor que esteja no momento em condições de ajudar quem quer que seja, mas no que depender de mim...

VISITADOR - Se queremos que você diga toda a verdade, porque a sua Igreja está em perigo crescente e ameaçada de dissolução.

BRANCA - O diabo não convence ninguém. Se o diabo não convence, também o medo e a crendição ou a hipocrisia não alcançam. E as autoridades eclesiais não têm o direito e o dever de exigir o cumprimento dessas obrigações. Estou de acordo.

NOTÁRIO - Ora viva! Então, ela está de acordo com alguma coisa!

VISITADOR - Alguém me por ver que entendeu? (*Se viram ao Padre Bernardo*)

PAIREE BERNARDO - Branca Dina, seu pai costuma fazer as orações - feitas?

BRANCA - Ora, senhor, sou uma moça e não fica bem estar observando quais os dias em que meu pai tem ou não tempo de fazer.

PAIREE BERNARDO - E você? Costuma fazer - as as orações - feitas?

BRANCA - Costumo fazer - me todos os dias, não que é assim que deve fazer uma pessoa sã.

PAIREE BERNARDO - Também as orações - feitas?

BRANCA - E por que não?

PAIREE BERNARDO - E tem por costume repetir sempre nove vezes dia, ou cinquenta - as com joias?

BRANCA - Não uso joias. A única que tenho é este anel que meu pai me deu no dia em que me pediu em casamento. É maciço e tira do dedo, não mexo quando estou fazendo.

PAIREE BERNARDO - Nem mesmo quando vai fazer - as no rio?

BRANCA - Não mesmo assim.

PAISRE BERNARDO - Que traje estava a usar quando via barbas - se no rio?

BRANCA - Trajes comuns.

PAISRE BERNARDO - Mas naquela noite você não estava com traje comum, estava não.

RICARDO - Não?

BRANCA - Eu já lhe expliquei, padre, foi uma noite somente e ninguém viu.

VISITADOR - O que a levou a procurar assim?

BRANCA - O calor.

PAISRE BERNARDO - Seu corpo queimava.

VISITADOR - Não havia alguma vez?

BRANCA - Como?

VISITADOR - Uma vez encontrando a desgracia - se?

BRANCA - Não senhor, não caso sua nobreza. Em minha casa todos dormiam.

PAISRE BERNARDO - O fato de não ter morido por não que dizer que não estivesse perseguido pelo demônio.

BRANCA - Pelo demônio?

PAISRE BERNARDO - Não, pelo demônio. Ele pode não falar, mas é ele quem a empurra para o rio e a obriga a desgracia - se.

BRANCA - Padre, senhor - se ele que eu mergulhei uma vez no rio para salvar - he. Foi também o demônio quem me empurrou?

PAISRE BERNARDO - Já não sei realmente se foi para salvar - se.

BRANCA - Como padre?

PAISRE BERNARDO - Naquela dia também você estava quase mor?

BRANCA - Eu?

PAISRE BERNARDO - Disse - me que devia salvar a colita em vez do crucifixo. Uma prova que era fazendo quem falava por você?

BRANCA - Não, padre, não!

PAISRE BERNARDO (Chegando ao máximo de desesperação) - Se não estava perseguido pelo demônio, por que aproveitou - se de sua desgracia para bojar - me na boca?

VISITADOR - Amém!

NOTÁRIO - Na hora? E semina?

BRANCA - Fia isso para que não seletam, para que não morram!

PADRE BERNARDO (Cruza) - Cuias! Foi esse o protesto que Setenta arrapou para o seu pecado!

(Silêncio total)

VISITADOR - Vêja Branca, que este é um tribunal de clareza divina. Seu simples arrependimento, se sincero, poderá salvá-lo - lá. Qual o tribunal que abstrai um criminoso por ele estar arrependido? (Vendo que ele está arrependido, explica Branca)

BRANCA - Sim, eu estou arrependida. Mas o meu arrependimento tem valor se não estou convencida de ter praticado esses pecados?

VISITADOR - E por não estar convencida disso, seria capaz de praticá-los novamente?

BRANCA - Acho que sim.

VISITADOR - Guardas, tragam Augusto Castinho.

(Guardas saem e voltam com Augusto todo espantado).

BRANCA (Vem para abraçar Augusto) - Augusto!

PADRE BERNARDO (Repreende fortemente Branca) - Adeus - se Branca!

NOTÁRIO - Jura sobre os evangelhos dizer a verdade, Augusto?

AUGUSTO - Juro.

VISITADOR - Augusto Castinho, sabe que está ameaçado de excomunhão?

AUGUSTO - Sei.

VISITADOR - Como crêste isso agora?

AUGUSTO - Agora, mas lamento não ter a filha das primeiras criaturas para resiste às torturas.

VISITADOR - Ordenei dizer a verdade. E agora, a tortura faz obediência.

AUGUSTO - E não acabar obtendo de mim a mentira, isso é o que quero, mais do que a excomunhão.

VISITADOR (Chamando um segundo Guarda) - Durante quanto tempo o torturaram?

GUARDA 2 - Muito tempo, senhor.

VISITADOR (Chamando os primeiros Guardas) - Lembra-se que o limite máximo é de 30 minutos.

GUARDA 1 - E só paramos porque ele desmaiou.

VISITADOR - Não deviam chegar a tanto. A finalidade da tortura é apenas obter a verdade, não pode ser excessiva. (Se não, ao padre Bernardo para iniciar a interrogatório)

PAIORE BERNARDO - Augusto Constante, conhece bem Branca Dias.

AUGUSTO - O senhor sabe que ela é minha noiva.

PAIORE BERNARDO - Você poderia não querer a salva - lá.

AUGUSTO - Eu faria tudo para isso.

PAIORE BERNARDO - Então faça. Diga toda a verdade.

AUGUSTO - Mas que espécie de verdade querem que eu diga? Que a eu barbaresco - se eu não? Que a eu invocando os diabos na boca dos forquizeiros? Para salva - lá, é preciso lançar calúnias e calúnias contra ela? É quem me garante que não se apresentarão diabo para condená - lá? Não, podem arrancar - me um braço, uma perna, mas não me arrancarão uma única palavra que não seja verdadeira.

BRANCA - Não Augusto, digam o que quiserem...

PAIORE BERNARDO (Contando - se) - Cale -se! (Faz gesto ao Guardas 2 para buscar a Bíblia em comodato) - Este livro é uma calúnia?

AUGUSTO - Este livro é uma Bíblia.

PAIORE BERNARDO - Não se arrepende de a ter arrebatado a esta heresia?

AUGUSTO - Não me arrependo porque assim a fiz conhecer a salvação e a beleza dos evangelhos.

PAIORE BERNARDO - Rubeta - se então contra a determinação da Igreja?

AUGUSTO - Não me parece que seja uma determinação, para mim é só uma Bíblia em português. É um livro que era um livro proibido pela Igreja.

PAIORE BERNARDO - É uma determinação do Papa. Nega por acaso a autoridade do Papa?

AUGUSTO - Não, não nego.

VISITADOR - Acredita na justiça e na misericórdia do Tribunal?

AUGUSTO - Acredito somente na misericórdia de Deus.

VISITADOR - Acho que devemos encerrar aqui esta parte do interrogatório.

(Padeiro aproxima com a cabeça)

VISITADOR - Guardas, podem levá - lá.

BRANCA - Senhor Visitador, antes eu queria fazer um pedido, confiando na misericórdia do Tribunal.

VISITADOR - Faça.

BRANCA - Eu gostaria de continuar um pouco com a minha noiva, eu preciso vê - lá a não por alguns momentos.

PADRE BERNARDO - O regulamento não permite. As normas do processo...

VISITADOR (Interrompe) - Um momento padre (Desce) Não sabe que devemos ser assim de rigorosos, não vejo inconveniente nenhum em que eles fiquem juntos por alguns momentos e conversem por alguns instantes.

PADRE BERNARDO (Constrangido) Perdoe - me, Vossa Reverendíssima é quem decide.

(Saem os pais e os guardas, ficam Branca e Augusto no palco.)

BRANCA - Que fizeram com você, Augusto?

AUGUSTO - Deixaram - me numa cama de ripas e me amarraram com cordas pelas pulsos e pelas pernas. Apertaram as cordas, pouco a pouco, parando a circulação e cortando a carne. (Ele lhe mostra as punhas, ele se cobre e chorça) E faziam perguntas, perguntas e mais perguntas. As mais absurdas, as mais idiotas.

BRANCA - Como você deve ter sofrido!

AUGUSTO - A dor física não é tanta, dor mais é o sofrimento. Vários me torturam cada vez menos, mas morde cada vez mais.

BRANCA - É mesmo. O mundo se fecha cada vez mais sobre nós. E por quê? Que fizeram? Que eles querem de você? Que me acusam?

AUGUSTO - Querem fazer de mim o que fizeram com sua pai.

BRANCA - Meu pai, que fizeram com ele?

AUGUSTO - Um tempo!

BRANCA - Onde ele está?

AUGUSTO - Na minha cela.

BRANCA - Também o torturaram?

AUGUSTO - Não foi preciso. O que fizeram consigo foi o suficiente.

BRANCA - E tudo isso... é por minha causa. Você está pagando pelas minhas erros.

AUGUSTO - Quis não as suas erros, Branca?

BRANCA (Angustada) - Não sei... Devo ter cometido alguns sim, mas eles me acusam de muitos crimes e parecem tão certos de minha culpa. Talvez o meu erro maior seja não entender. Quem sabe não queira entender?

AUGUSTO - A mim eles não conseguiram e não conseguirão jamais convencer de que você não é a criatura mais pura que já nasceu. Ainda que tenha cometido erros, ainda que tenha feito confusões, ainda que tenha pecado.

BRANCA - Você diz isso porque me ama. Nós não podemos ver as nossas imperfeições, porque estamos tão dentro de nós, mas eles, eles nos olham de fora e de cima. Eles sabem que eu não sou assim. E é egoísmo de minha parte permitir que você se pague só com o que estou sofrendo, quando

haveria concordar com tudo, reconhecer todos os pecados, mesmo aqueles que fizessem no meu entendimento, e cumprir a pena que me fosse imposta.

AUGUSTO - Não Branca, não.

BRANCA - Assim um branco que reconheça todos os culpas de que me acusam ou reconheça mesmo – me é preciso. Assim talvez devolvam a você a liberdade e a mim a luz do sol. (Canta) Guarda, guarda!

(Guardas surgem no fundo direito da cena).

AUGUSTO - Branca, por Deus, não faça isso! Por que queri então revivê-la a todas as torturas? Para quê?

BRANCA - Mas eu não quero que você sofra!

AUGUSTO - Mas alguém tem que sofrer!

BRANCA - Não por minha causa.

AUGUSTO - Por um crime qualquer, grande ou pequeno, alguém tem que sofrer. Porque nem de tudo se pode abster o ser. Há um mínimo de dignidade que o homem não pode negar-se. Nem mesmo em troca da liberdade, nem mesmo em troca do sol.

BRANCA - Nem mesmo em troca do sol.

GUARDA 1 - Que foi, alguém me chamou?

BRANCA *(Flexa um instante e entra na frente de Augusto)* - Não, ninguém chamou.

GUARDA 2 - É mais o tempo já está esgotado. Há aí um instantinho. *(Passa por trás e para Augusto pela frente)*.

BRANCA - Será que isto vai durar eternamente?

AUGUSTO - Não creio, Branca. É demasiadamente cruel e shorta para durar.

GUARDA 1 - Não foi eu quem botou ele no patão.

BRANCA - Porquê?

GUARDA 1 - Na cama com o tipo. Se levei um lá e fiquei olhando. Sou obrigado. *(Sem se guardar com Augusto)*.

BRANCA - Todos são obrigados obrigados a denunciar, a prender, a torturar, a punir. Mas obrigados por quem?

(Muda a luz. Quadrado central com Branca num canto e Padre Bernardo a/entre).

PADEIR DEBARNARDO - É você, Branca. Você que nos obriga a proceder assim.

BRANCA - Eu?

PAIÃO BERNARDO - A tentação que está em você, o pecado que está em você, a abstinência demoníaca que está em você.

BRANCA - Que será de mim então padre, se sou portadora de tanta veneta?

PAIÃO BERNARDO - É mesmo dever exterminar todas as plantas venenosas da vinha de Jesus, até as últimas raízes.

BRANCA - Exterminar?

PAIÃO BERNARDO - É um pouco de dor que nos foi imposto. A nós não podemos fugir sob pena de deixar a perder toda a vinha.

BRANCA - Como? Além de mais terem os senhores que eu conheço outras pessoas?

PAIÃO BERNARDO - Você já conheceu outras pessoas, Branca.

BRANCA - Eu, padre? Quem? Augusta?

PAIÃO BERNARDO - E continuarei conhecendo muitas outras, porque basta aproximar - se de você para cair em pecado.

BRANCA - Padre, muitas pessoas se aproximam de mim sem que eu tenha sobre elas a menor influência. O senhor mesmo já foi várias vezes a minha casa, foi - se mas continuou o meu amigo... *(olha a mão no ombro do padre que sente um forte arrepio, depois afasta-se)*

PAIÃO BERNARDO - E eu sei o quanto isso me custa!

BRANCA *(Surpresa)* - Padre!

PAIÃO BERNARDO *(Compreende - se)* - Não devemos falar sobre assunto...

BRANCA - Que assunto padre? Eu fui eu algum mal? É preciso que me diga, pois assim talvez eu compreenda alguma coisa.

PAIÃO BERNARDO *(Como se num momento de tormento, olha para baixo e vai virando - se lentamente para direita: mostra - lhe os lábios descarnados)* - Veja...

BRANCA - Que foi isso? Seus lábios descarnados...

PAIÃO BERNARDO - Quasei - os com água fervendo. Os lábios, a língua, o céu da boca, para destruir o sentido do gosto.

BRANCA - E por que foi isso?

PAIÃO BERNARDO - Para eliminar o gosto impuro dos seus lábios. Mas o gosto persiste, persiste.

BRANCA *(Põe a mão no ombro do padre que cai de joelhos)* - Eu... sinto muito. Acho que não devia ter feito o que fiz.

PAIÃO BERNARDO *(olha com o rosto entre as mãos, abafando sobre si mesmo)* - Chego a ter alucinações...

BRANCA - Seoubesse que ia lhe fazer tanto mal...

PAIREE BERNARDO - Antes de você aparecer em visita ao pai com Jesus.

BRANCA - Eu também, antes de conhecê-lo - lá vivia na mais absoluta paz com Deus, porque acreditava muito Deus em mim mesma, porque Deus é amor.

PAIREE BERNARDO - É possível que eu esteja sendo submetido a uma prova. E faz parte dessa prova ter que julgá-lo e puni-lo.

BRANCA - Agora já não sei de mais nada. Os anjos foram lançados a dúvida e a confusão em meu espírito e eu já não tenho coragem de pedir a Deus que me esclareça, cada gesto meu, mesmo o mais insignificante parece carregado de maldade e destruição.

PAIREE BERNARDO - Se é uma provação, que seja bem rigorosa para demonstrar a minha fidelidade e o meu amor ao Cristo. Que todos os suplicios me sejam impostos, é minha alma e é minha carne. *(Fala com os punhos no peito)*.

BRANCA - E a pior é que já não conto com mais ninguém. Ninguém mais poderá intervir por mim para fazer. *(Senta pela primeira vez em tudo a sua terrível realidade, que está perdida e não multiplicar o seu desespero)*. Parece mesmo que desde o princípio ninguém podia fazer nada por mim.

PAIREE BERNARDO *(Mãos postas e vergado sobre o mesmo com os lábios quase tocando o solo, voz um ato de contrição)* - Senhor, meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por ser eu que não naturalmente sou o digno de ser amado sobre todos os outros, e por que sou mau e ruim, peço - me o Pai, de tudo o meu coração, de vos ter ofendido. E proponho firmemente, ajudado com o auxílio de vossa divina graça, crer e nunca mais vos tornar a ofender. Peço também o perdão de minhas culpas pela vossa infinita misericórdia. Amém. *(Senta - se mais aliviado, levanta - se e olha para a parede, pela primeira vez, por se olhar em Branco. Os olhos já transpõem o do mesmo perdão)*. Mandaram visitá-lo pela última vez.

BRANCA - Pela última vez...

PAIREE BERNARDO - Sim, para lhe oferecer a última oportunidade de arrependimento e perdão.

BRANCA - E se eu recusar?

PAIREE BERNARDO - Se eu restar o refúgio ao longo secular.

BRANCA - O que é isso?

PAIREE BERNARDO - Isso quer dizer que você será entregue à Justiça Secular, que o julgará por crime comum e certamente o condenará.

BRANCA - À prisão?

PAIREE BERNARDO - Não, o braço secular é sempre mais severo.

BRANCA *(Apavora - se)* - À fogueira?

PAIREE BERNARDO *(Segura as mãos de Branco)* - É bom que você saiba os perigos que corre.

BRANCA *(Faz um gesto)* - Não! Não podem fazer isso comigo! Eu não mereço! É uma maldade! E o senhor que tudo prometeu para salvar - me!

PAIREE BERNARDO - Já nada mais posso fazer por você, Branca. Você sabe. O destino a princípio seu destino depende sempre de você mesma. Você escolherá.

BRANCA - Mas que posso eu escolher? É claro que eu não quero ser queimada viva!

PAIREE BERNARDO - Está disposta a arrepender - ou?

BRANCA - Estou disposta a tudo. Entrego - me em suas mãos e nas mãos do Santo Ofício.

PAIREE BERNARDO - Entrego - se sinceramente arrependida, Branca?

BRANCA - Que importa? Os senhores venceram. Estou ali, sem força e me parece inútil discutir. Vá e diga ao Visitador que reconheço os meus pecados e que estou disposta a arrepender - me e cumprir a penitência que me for imposta.

PAIREE BERNARDO - Você não está sendo levada somente pelo desespero e pelo medo?

BRANCA - Mas não é isso que os senhores querem? Desde o princípio não foi ao desespero e ao medo que tentaram levar - me?

PAIREE BERNARDO - Não, Branca. Tentamos leva - la a um reencontro com a verdadeira fé cristã. Mas mesmo a força contra você, tentamos converter - la pela persuasão.

BRANCA - Sim, não existem métodos de persuasão? Perdões - me entre quatro paredes, sem luz, sem ar e amargura - me com a fogueira? Perdões meus pai, torturam meu nervo, não existem métodos de persuasão?

PAIREE BERNARDO - Sua arrogância mostra que o desvelado ainda não a abandonou. (Gritar e saltar)

BRANCA - Padre! Padre, espere! (Corre até ele, ajoelha - se e segura - o). Perdões - me (Vai até o que estava dizendo. A verdade é que precisa de sua proteção. Aqui me tem padre, humilde e humilhada, sinceramente arrependida de tudo, de tudo o que decidimos que devia arrepender - me).

PAIREE BERNARDO (Vira - se para Branca, ajoelha - se junto a ela e a abraça ternamente) - Vou transmitir sua decisão ao Visitador.

(Muda o luz para a entrada de Simão).

SIMÃO - Branca! (Ele está pregado - à roupa no peito e nas costas uma grande cruz de pano amarelo)

BRANCA - Pai!

SIMÃO (Corre e a abraça) - Filhinda, eles a maltrataram?

BRANCA - Não muito. E o senhor, está bem?

SIMÃO - Estou vivo pelo menos. E é isso que importa, não acha?

BRANCA - Sim, é o principal.

SIMÃO - É loucura pensar que num momento desses, se possa salvar alguma coisa além da vida. (Desde o primeiro momento compreendi que devia aceitar tudo, declarar - me arrependida de tudo. Vimos não discutir com eles, lutar contra eles? Talvez? Têm a força, a lei, Deus e milícia, tudo de

Indo dentro. Que poderiam não fazer? De que adianta alegar inocência, protestar contra uma injustiça? Eles previam o que acontecer contra nós, e não não-consequentemente previr nada em nome de Deus. Percebiam? Também não adianta. Eu vi o que aconteceram com Augusto.

BRANCA - O senhor viu ele ser torturado?

SIMÃO - Não vi.

BRANCA - Então o torturaram novamente?

SIMÃO - E ele fez mal em não falar. Sua obrigação obrigou os insubordinados a fazerem o que faziam.

BRANCA - Mas quando que ele era desmoralizado, que era acusado de crimes terríveis e absolutamente falsos?

SIMÃO - Que importância que sejam falsos? Se você o é confusamente, sobreviver a pé.

BRANCA - Eu sei o que que mudaram de atitude.

SIMÃO - Mas ele não quis.

BRANCA - Augusto não quer o processo defendendo um mínimo de dignidade.

SIMÃO - Em primeiro lugar a honra tem obrigação de sobreviver, a qualquer preço, depois o que vem a dignidade. De que vale agora para nós, para os pais dele, para você, para ele mesmo essa dignidade?

BRANCA - Como? (Ele percebe.) Que fizeram com Augusto?

SIMÃO (Faz uma pausa. As palavras caem a nós) - Ele não resistiu.

BRANCA (Não consegue) - Mortes... (Juntos falam) - Eles o mataram? (Fazem pausas longas, depois sussurram) - Eles o mataram... Eles o mataram...

SIMÃO - Eu sabia que ele não ia resistir, estava vendo! (Depois de tudo ainda o pensamento no topo com pesos nos pés e o desmoronar lá... Quando os guardas voltaram ainda estavam sussurrando - lá, mas...

BRANCA (Não quer se voltar por um mesmo silêncio. Subitamente) - E o senhor não podia Ter feito nada?

SIMÃO - Eu?

BRANCA - Sim, por que não gritou, não chamou alguém?

SIMÃO - Pensei em fazer a coisa, mas...

BRANCA - Para então...

SIMÃO - Eles têm leis muito severas para aqueles que ajudam os heróis e os já estão com a minha situação resolvida, se sei pouco em liberdade... Talvez tivesse que voltar a presença de Vladimir e explicar o meu gesto. E tudo se complicaria novamente...

BRANCA (*Fita o pai propleixo diante de tanto egoísmo*) – Por isso o senhor preferia que ela morresse?

SIMÃO – Bem, eu não tive culpa... O maior culpado foi ele mesmo, pela atitude que assumiu...

(*Quando cada momento vai se tornando cada vez mais perigoso diante da filha, pela sua covardia, até que chega o momento que ele perde o controle de tudo e grita com ela*).

BRANCA – Bastava um gesto...

SIMÃO – É o que costaria esse gesto? Um homem deve pensar bem suas atitudes e não agir no primeiro impulso. Eu podia ter sido o mesmo destino que ela. Era eu não muito pior?

BRANCA – Não sei se seria pior...

SIMÃO – Você preferia que eu morresse também, que tivesse todos os meus bens confiscados ou que ficassem perdidos com uma declaração de inquérito até a terceira geração? Se nada disso aconteceu foi porque eu agi com inteligência e bom senso.

BRANCA – E agora, como é que o senhor vai conseguir vir-se depois disso?

SIMÃO – Não sei como é que vou vir-me depois...

BRANCA – Agora morreu porque o senhor não foi capaz de levantar um dedo em sua defesa.

SIMÃO – Não foi bem assim...

BRANCA – Porque o senhor não quis se comprometer.

SIMÃO – Não foi por isso que ela morreu.

BRANCA – Teria resultado se a tortura tivesse sido abreviada.

SIMÃO – Sim, mas...

BRANCA – Para isso teria bastado que o senhor baixasse a cabeça.

SIMÃO – Eu já lhe expliquei...

BRANCA (*Irada*) – E o senhor não foi capaz? O senhor não foi capaz?

SIMÃO – Minha filha, eu compreendo o seu sofrimento. Eu também sinto muito, mas não é justo que você se volte agora contra mim. Não foi eu quem matou o Augusto. Foram eles, os carrascos, a Inquisição.

BRANCA – O senhor também o matou. É o que mais me horrores é que o senhor é um homem decente!

SIMÃO – Branca, você não sabe o que está dizendo!

BRANCA – O senhor é tão culpado quanto eles.

SIMÃO – Não, ninguém pode ser culpado de um fato pelo qual não contribuiu de forma alguma.

BRANCA – O senhor contribuiu.

SIMÃO (Gruelido) - Não matei, não crucificas, não participas de nada!

BRANCA - Salve-se!

SIMÃO - Também por tua causa. Por mesma causa. Era um prego que tentamos de pagar.

BRANCA - Prego de quê?

SIMÃO - É uma ilusão imaginar que poderíamos sair daqui, todos nós, que nada tivemos acontecido. Alguém teria de ser atingido duramente.

BRANCA - E o senhor acha que só isto é ser?

SIMÃO - Dejo duramente.

BRANCA - E imagina que com isso matas a sede de violência, requeiras a mesma sede.

SIMÃO - De certo modo, acho que sim. Devo apenas levar esta cruz no corpo um ano. É humilhante, mas ainda é uma morte. Se você quiser, pode ser que lhe dêem pena semelhante e estejam livres.

BRANCA - Se eu quiser, a senhor quer que eu seja cumplici?

SIMÃO - Cumplici de quê?

BRANCA - Da morte de Augusto.

SIMÃO - Quando? Você não tem nada haver com isto!

BRANCA - Também. Todos nós temos. Quem está sozinho.

SIMÃO - Não tem sentido o que você está dizendo? Não é possível que você não entenda que esta palavra se não inclui ao que eles querem, se não confessas o abjeto todo.

BRANCA - Há um mínimo de dignidade que o homem não pode renunciar. Nem mesmo em troca da liberdade. Nem mesmo em troca de si.

(Entram guardas e começam a arrastar Simão que resisti.)

SIMÃO - Que Deus se compadeça de você!

(Muda a luz. Padre Bernardo, Nêstora e Visitador em seus lugares.)

VISITADOR - Apólo! - si. *(Branca continua imóvel.)*

VISITADOR (Nervoso) - Apólo! - si.

BRANCA - Já disse senhor, que não devo apólo! É pecado.

VISITADOR - Branca, vamos, mais uma vez, dar provas de nossa tolerância. Vamos permitir que permaneça de pé, enquanto o senhor Nêstora lê o ato de abjuração que você deverá assinar.

(Nêstora toma pincéis, desentrola um papel.)

BRANCA - É inútil, senhores. Não vou atingir coisa alguma. O que quero, o que espero dos senhores, é muita abstenção. *(Repara os pais)*.

VISITADOR *(Indignado)* - Como? Eu não ia atingir?

PAZRE BERNARDO - Ia, prometes...

NOTÁRIO - Essa agora!

VISITADOR - Branca, você não se disse disposta a atingir?

BRANCA - Disse, num momento de fraqueza. Mas não posso reconhecer uma culpa que sinceramente não julgo ter. Se sou inocente, se nada posso provar contra mim, o que devo suplicar a este Tribunal é que reconheça a minha inocência.

PAZRE BERNARDO - Você sabe que isso é impossível, Branca.

BRANCA - Impossível por que, se os senhores são justos e misericordiosos?

PAZRE BERNARDO - Pela última vez, Branca...

VISITADOR *(Interrompe)* - Não adianta, padre, o senhor não conseguirá dela.

PAZRE BERNARDO - Eu lhe suplico senhor Visitador, apelo para sua mesma misericórdia, dê - lhe uma última oportunidade.

VISITADOR - Já lhe demos todas. Acho que não discutimos com ela desde o princípio. Sua obstinação e sua arrogância previu que tem absoluta consciência de seus atos. Não se trata de uma provocação ingenua e desorientada, tem instrução, sabe ler e suas leituras mostram que seu espírito está minado por ideias exóticas. Declara - se ainda inocente porque quer impor - não a sua heresia, como todos os de sua raça. Como todos os que pretendem enfiar-se a religião e a sociedade pela subversão e pela anarquia.

BRANCA - Mas senhores, eu não pretendo nada disso! Nunca pensei nunca em viver conforme a minha natureza e o meu entendimento, usando Deus à minha maneira, nunca quis destruir nada, nem fazer mal algum a ninguém!

VISITADOR *(Corta - De a palavra com um gesto)* - Seu caso já não é mais comum, Branca. O Tribunal eclesiástico termina aqui a sua tarefa. O frango secular se encarregará do resto.

BRANCA *(Recessa)* - Que resto, senhor?

VISITADOR - O poder civil, a quem cabe defender a sociedade e o Estado, vai julgar - lá segundo as leis civis. Não lamentamos Ter de discutir - lá separado da Igreja e relaxado ao frango secular. Deixei todos os seus testemunhos de que tudo firmos para que isso não acontecesse. Procedemos a um longo e minucioso inquérito, em que todas as acusações foram examinadas à luz da verdade, da justiça e do direito canônico. A acusação foram afirmadas todas as oportunidades de defesa e de arrendimento. Uma após dia, noite após noite, até-amos aqui lutando para arrancar essa pobre alma às garras do demônio. Mas fomos derrotados. Desgraçadamente. *(Inquieta-se, olha de relance até aproximar - se de Branca)*.

BRANCA - Os senhores foram derrotados... E eu?

PAZRE BERNARDO *(Interrompe até se aproximar de Branca)* - Você Branca, vai amargar a sua vitória.

(Muda a luz. Os guardas levam Branca até o tablado central e amarram – na. Suspem dois carrancos de cupu; preto com joelhos nas mãos. Vão até a fogueira e acende – na. Fogo vermelho atrás da fogueira. Enquanto isso, o Padre Bernardo está de joelhos num foco à direita se pentenciando com um chicote, como se estivesse sentindo na carne o dor de Branca).

BRANCA (Em total desespero) – Senhor ajude – não...

PAZRE BERNARDO (Dependo de milis aos céus) – Finalmente, Senhor, finalmente posso aspirar ao Vosso Perdão!

FIM